

**As Crônicas de**  
**FRANK MORGAN**

A Lua de Sangue



**As Crônicas de**  
**FRANK MORGAN**

A Lua de Sangue

**Stênio Benitz**

Edição III



**2019**

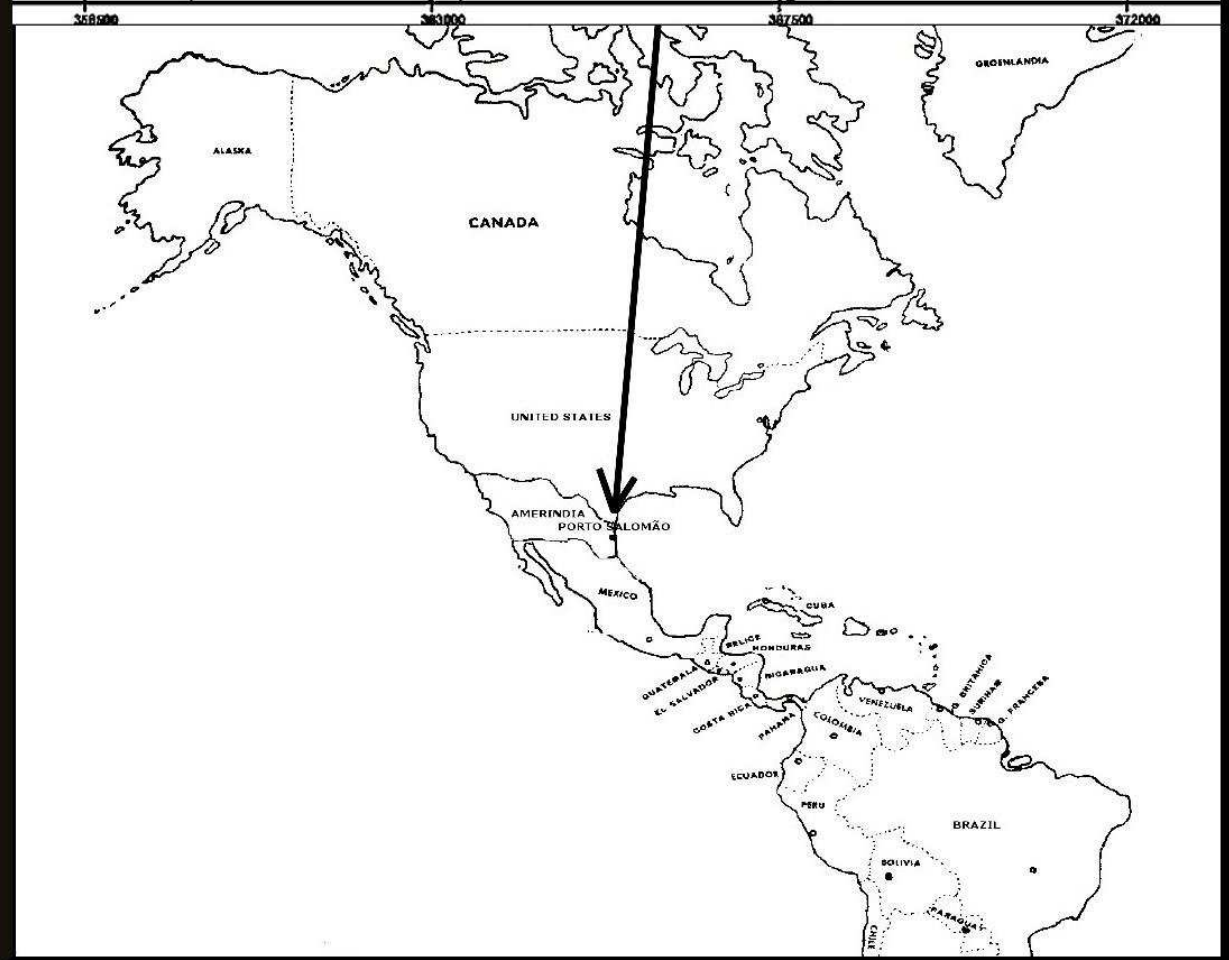
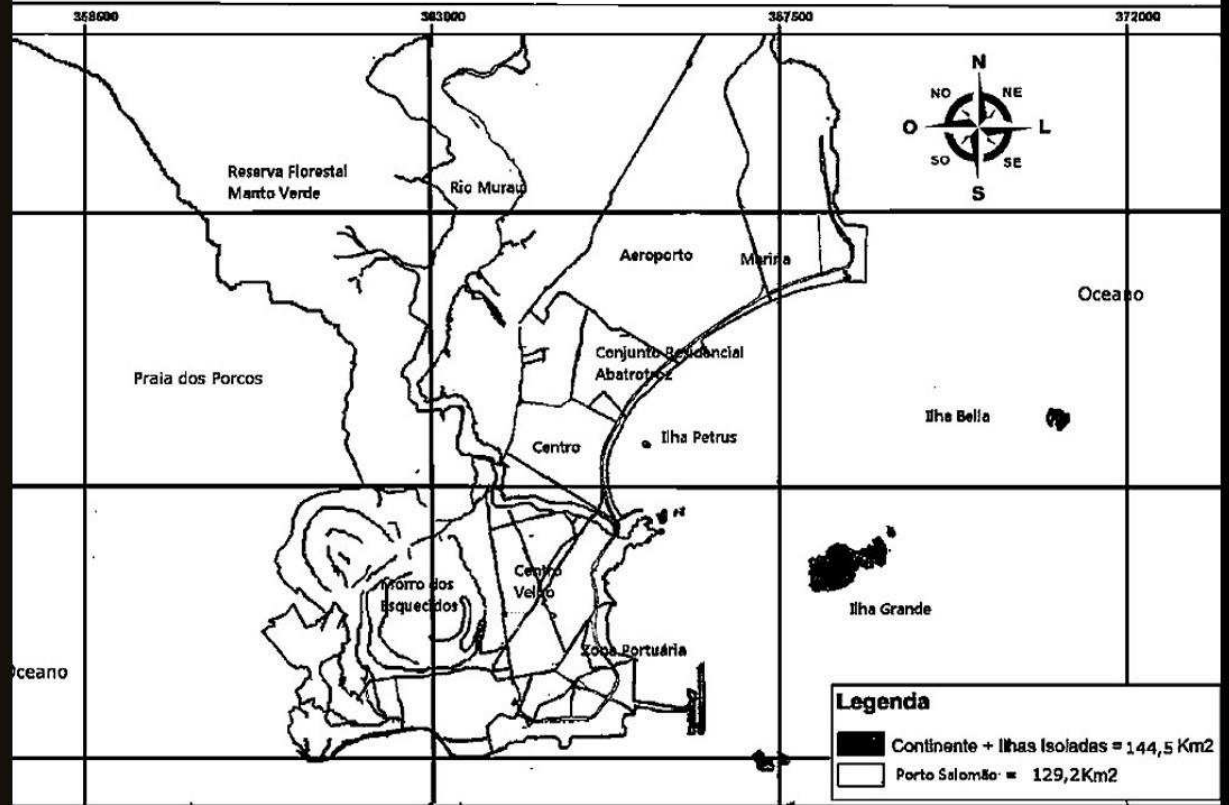


“Não há nada que não se consiga com a força de vontade, a bondade e, principalmente, com o amor.”

Cícero



# PORTO SALOMÃO DIVISÃO POLÍTICA







## O homem e suas tragédias

O reiterado barulho do girar de um enviesado ventilador de teto não era motivo para desviar a concentração de um homem observando, do segundo andar de um antigo edifício, o entra e sai de portentosos navios do porto.

Seu olhar fixo e perdido no infinito era o esteio de seus pensamentos. Ele estava em pé, de frente para a janela de um obsoleto escritório que abrigava, ao centro, uma mesa rústica de madeira envernizada de cor preta. Em um canto, encontrava-se um antiquado porta-arquivos de ferro. Duas cadeiras, para a clientela que se prostrava em frente à mesa maior. Uma cópia desbotada de “Madame Matisse” dividia a parede perpendicular à janela com um arcaico Cadillac estampado em um desatualizado calendário.

Um cenário digno de 50 anos atrás, se não fosse um rapaz cadeirante bem jovem, vestindo uma camisa social branca, calça jeans e tênis. Ele estava assentado em uma escrivaninha de quina, com as lentes de grossos óculos fixadas na tela de um laptop.

Sobre a mesa preta rústica principal, havia uma caneca com algo que já tinha sido café. Sob um pedaço de granito, várias contas vencidas, um celular jogado sobre um gasto mata-borrão bem rabiscado.

“Sonata ao luar”, de Beethoven, quase inaudível, vinda da transmissão radiofônica do computador do rapaz, foi interrompida por um brusco desabafo do homem de pé:

— Meu Deus! A semana está acabando e até agora não entrou nenhum centavo. Este ofício está ficando uma merda, não está entrando dinheiro nem mesmo para pagar as contas. Nem para te pagar, Max. No mês passado eu ainda te dei uns 500, não?

— Foi no ano passado, senhor Morgan. E foram só 200 — respondeu o garoto, demonstrando não fazer muita questão da remuneração a que tinha direito.

— O que está havendo com as pessoas, os “cornos”, os maridos infiéis, os pervertidos? Ninguém mais parece interessado em saber o que seus parceiros andam fazendo na calada da noite, às escondidas — continuou o homem, sem considerar o comentário do garoto. — O mundo de repente parece ter ficado muito monótono. São tempos ruins. É a influência da internet, dos celulares que fazem praticamente tudo. Qualquer um, hoje em dia, pode bisbilhotar a vida dos outros sem muito esforço. Naquele dia mesmo, nós pegamos aquele trapaceiro sem-vergonha, que deu o golpe

na coitada da senhora Nancy, só pela localização do celular dele, mesmo desligado. Incrível! Quem diria que isso seria possível há alguns anos. É, meu jovem, acabou a época dos grandes detetives, dos intrigantes casos. Quando comecei, há muitos anos, não tinha um dia sequer que não aparecesse um caso, nem que fosse só um sujeito tentando obter fotos de sua mulher em situações comprometedoras ou vice-versa. Pouco serviço, mas, no fim, sempre sobravam uns trocados. Estamos mesmo submetidos a um mundo digital, está cada dia mais complicado. Esqueci-me da última vez que ganhei um bom dinheiro com um serviço. Às vezes penso em procurar outro tipo de trabalho, um que dê para saldar as dívidas no fim do mês e sobrar uns trocados. Mas o quê? O que um homem velho como eu vai arrumar nesta reta final da vida? Mundo miserável!

Frank Morgan trabalhava como detetive particular havia pelo menos quatro anos. Já desvendara grandes casos, contudo o serviço era como a maré: hora boa, hora ruim. Ultimamente, usando a alusão à maré, estava ruim. Muito ruim.

Publicara alguns anúncios de graça na Gazeta da Cidade, para ver se melhorava a freguesia. Era cortesia do diretor, Martin Lasar, em troca de favores devidos dos tempos em que Morgan ainda era policial.

Há cinco anos, Morgan fora afastado da polícia após a morte de sua esposa, Vera. Ela falecera de causas desconhecidas, um ano antes de Frank deixar a corporação. O fato ocorreu enquanto trilhava pelo coração da selva amazônica, na Colômbia, fazendo um curso para a polícia de combate ao narcotráfico. O curso, em conjunto com as forças colombianas, era intensivo e prático em situações reais.

*A chuva constante, o calor infernal e os mosquitos não eram empecilho para aqueles homens; eles estavam em casa. Eu, ao contrário, estava puto!*

*Com os dedos dos pés parecendo uma couve-flor de tão esfolados. Latejavam como marteladas dentro do coturno. Para completar, uma das minhas meias havia descido e estava embolada no meio do pé; uns malditos besouros entraram, não sei como, dentro da minha cueca e picavam. A dor era infernal. Mas a coluna não podia parar, não para um policial “gringo almofadinha” da cidade grande acertar a meia ou tirar as formigas do saco.*

*Era assim que o comandante do grupamento, capitão Juan Fazina, referia-se a mim e ao outro colega estrangeiro que estava logo na minha frente: “gringos almofadinhas”. Dava pena de ver o coitado do americano. Cada ferroadada de inseto que tomava ficava aquela vermelhidão, e o sujeito já era vermelho naturalmente; naquele inferno então parecia um pimentão maduro.*

*Na coluna, eu era o penúltimo. Estávamos naquela maldita selva havia pelo menos três dias e desde então a chuva não deu descanso um dia sequer. Naquela manhã, finalmente, desmontamos o*

*acampamento provisório e partimos em direção ao sul. A informação era a de que iríamos estourar uma “fábrica”. “Fábrica” era como Fazina chamava o laboratório de refino de pasta-base de cocaína. Enfim, depois de andarmos naquela insuportável selva, molhados como pintos por quase duas horas, a coluna parou.*

*Um informante que estava na frente com o capitão fez sinal de que o local estava bem na nossa frente. Por sinais, Juan Fazina indicou que 200 metros à frente estava a clareira onde era produzida a droga e que dali em diante iríamos avançar em “leque”. Mesmo com as armas em posição de fogo, o americano e eu tínhamos ordens para só atirar em último caso; afinal, estávamos ali como meros aprendizes. Mas na verdade eu estava doido para usar aquela beleza de Parafal que eles me deram.*

*Com os agentes o tempo todo ao meu lado, como babás, aproximamo-nos do local em silêncio absoluto, só rompido pelo som dos pingos da chuva despencando por entre as gigantescas árvores.*

*Então, comecei a ouvir o barulho do motor de um caminhão; era o gerador que os traficantes usavam para a produção da energia elétrica necessária. E vozes, muitas vozes.*

*Com a aproximação, começamos a vislumbrar os primeiros raios de luz da clareira. Logo avistamos o acampamento, coberto por uma imensa lona amarela, vários barris azuis e um imenso tablado onde os traficantes manipulavam a droga.*

*Como dizia o comandante, o laboratório era uma verdadeira produção fabril. Não demorou para Juan Fazina apresentar as “boas-vindas”:*

*— Perdido, cabrones! Todos con las manos arriba, vámonos!*

*Se a memória não me traiu, foi isso que ele falou. De início, foi uma gritaria geral. Entretanto, os traficantes, cerca de dez homens, vendo a força da polícia, não ofereceram resistência. E eu que achei que iria ter tiroteio. Que nada! Em pouco tempo, estavam todos dominados.*

*Depois de algemar os presos e colocá-los perfilados, os soldados de Fazina atearam fogo em tudo, criando uma imensa fogueira a céu aberto, que de tão imensa desprezava a precipitação da chuva. Enfim, sentindo a missão cumprida, aguardávamos os velhos Huey.*

*Eu, nesse ínterim, pude finalmente relaxar um pouco, enrolar umas ataduras nas feridas dos pés e me livrar dos malditos insetos por dentro da minha farda; quiçá no helicóptero houvesse*

*algum lugar que não estivesse tão encharcado. Não demorou e chegou nosso transporte. Entretanto, por ser pequena a clareira, e devido ao mau tempo, não dava para pousar as duas aeronaves simultaneamente. Então uma pousou e enquanto os prisioneiros eram embarcados a outra ficou sobrevoando a certa distância.*

*Era nessa que iríamos voltar. Iríamos — eis que de repente ouvimos o disparo de um lança-foguetes partindo do meio da mata e em seguida a explosão do nosso helicóptero no ar. A aeronave atingida começou a girar em parafuso, produzindo uma espiral de fumaça preta. E em poucos segundos desabou na floresta, de onde surgiu um cogumelo de fogo que subiu pela copa das árvores.*

*Não fui só eu que fiquei surpreso. Juan Fazina demorou a assimilar o acontecimento e assim enviar homens para uma varredura na área em busca de quem disparou o míssil. Ao mesmo tempo, determinou que três homens ficassem com os prisioneiros e o restante, inclusive eu, seguisse-o até o local da queda.*

*Poucos metros adiante, floresta adentro, chegamos ao local do desastre. Era a visão do inferno. Uma tocha enorme, ardente, um pouco abaixo da copa das árvores. Os pedaços da fuselagem pingavam como lava incandescente misturados com os pedaços de corpos em chamas dos ocupantes da aeronave. Era terrível. Tentamos apagar em vão o fogo, não contido pela enxurrada, dos destroços que conseguiam alcançar o chão. Porém, era perigoso, pois a carcaça maior da aeronave, em chamas, poderia despencar a qualquer momento do alto das árvores. Não havia mais nada a fazer.*

*O comandante ficou desolado com a situação, porque além de perder os dois companheiros, piloto e copiloto, perdera também os dois civis que, devido ao estado em que ficaram os corpos, ninguém conseguira reconhecer. Pelo rádio, o piloto do helicóptero pousado tentava uma comunicação com a base, mas não conseguia. Nem mesmo com o telefone celular via satélite foi possível uma comunicação com a civilização.*

*Nisso, os homens que foram fazer a varredura trouxeram o possível atirador, um homem algemado e bem machucado. Juan Fazina tirou o homem de perto da gente e, com o auxílio de outros dois soldados, levou-o para o meio da floresta. Apesar da distância, nós víamos, tanto eu quanto o norte-americano, o prisioneiro sendo interrogado à base de socos e pontapés.*

*Eu sentia que o americano não estava nada à vontade com aquela cena. Entretanto, ela ficou pior.*

*O capitão comandante do grupamento sacou sua pistola do coldre e disparou friamente na cabeça do prisioneiro. Este, depois de caído, recebeu a descarga de tiros do “confere”.*

*O americano ameaçou protestar, mas foi persuadido a desistir mediante o olhar de um dos soldados, o qual não chegou a apontar a arma para nós, mas deixou claro que, se nos intrometêssemos, era possível que o mesmo ocorresse conosco.*

*Maldito! Se eu soubesse do que se tratava de imediato, eu mesmo teria matado aquele desgraçado lançador de foguetes!*

*Findado o episódio, o capitão Fazina determinou que uma escolta levasse os prisioneiros até a base, enquanto ele, o americano, seis soldados e eu ficamos esperando o helicóptero retornar com a devida equipe, para recolher o que restou dos corpos e avaliar a ocorrência. Dormi mais uma noite no desconforto da selva.*

*No dia seguinte, por volta do meio-dia, chegou finalmente o nosso apoio. De cara já não gostei do que vi. Era um representante executivo da polícia de Porto Salomão e a notícia que ele me deu mudaria para sempre minha vida: minha esposa, Vera Morgan, estava morta e o meu melhor amigo e mentor, James Ventura, tinha vindo me avisar, quando foi morto na explosão do helicóptero.*

*Putá que pariu! Aquilo foi o fim.*

Frank, depois que recebeu a notícia, ficou inconformado e intrigado com a sequência dos fatos que envolveram a morte do seu amor. Mais intrigado ainda por duas questões que ninguém conseguiu lhe explicar. Nem o chefe nem os poucos parentes: por que não esperaram sua volta para o sepultamento? E a questão mais intrigante ainda: qual foi a causa da morte?

Sua filha, Pâmela Jéssica Morgan, esclareceu que, quando foi visitá-la, encontrara a mãe morta na cama. O médico dela, o doutor Biancardi, atestou a morte como sendo por causas naturais.

Depois do velório, no cemitério, o próprio médico se encarregou do enterro. Frank investigou a fundo a morte de sua esposa; contudo, com o falecimento do doutor Biancardi, uma semana depois, não conseguiu obter nenhum resultado satisfatório.

A partir de então, a carreira de Morgan na polícia declinou, não por incompetência, muito pelo contrário. Mas, sim, por algo que somente ele em seu ser poderia explicar ou que talvez não tenha explicação.

Sua desídia e desinteresse pelo trabalho chegaram ao extremo, a ponto de ser demitido após anos de serviço e dedicação à corporação policial.

Diferente não foi sua vida social e a familiar. Seus amigos e parentes se afastaram ou, quem sabe, tenha sido ele que se afastou.

Agora vivia por viver, sobrevivendo dia após dia.

A única coisa concreta que restou de sua esposa, além das lembranças, foi uma lápide no Cemitério Municipal de São Marcos, onde Frank aparecia periodicamente para levar umas flores e fazer sempre a mesma pergunta:

Por quê?

## Porto Salomão

Porto Salomão. Era uma das mais modernas e ricas cidades do continente norte-americano capital e sede do governo ameríndio. Além de ser um grande produtor de minério de ferro e petróleo, Ameríndia era um país de dimensões continentais e como tem 60 por cento de seu território coberto por vegetação destinada à produção de celulose, principalmente paricá, era o maior produtor mundial deste produto.

Seu porto, considerado um dos mais modernos do mundo, era o maior corredor de exportação das Américas, sobretudo de celulose e minério de ferro. Parte desta capacidade se devia ao fato da sua privilegiada localização geográfica, próximo aos grandes centros produtores e da moderníssima malha ferroviária. Devido a essas características, Porto Salomão era o coração do país pulsando em razão do porto.

A região metropolitana da cidade era dividida basicamente em três grandes zonas: norte, centro e portuária. A primeira era considerada a parte nobre da cidade, a qual abrigava a elite, onde se localizava o aeroporto internacional; os arranha-céus e os condomínios luxuosos; as praias e a marina. O centro, por sua vez, região desenvolvida, era anelo financeiro do país. Compreendia a área comercial da cidade, com seus inúmeros bancos, lojas e escritórios.

Ali também havia o chamado Centro Velho, assim denominado por ser o distrito mais antigo, com 500 anos de existência, onde estavam seus museus e prédios antigos. E, por fim, a zona portuária, ao sul de Porto Salomão, cerne de grande parte da renda per capita do país.

Ameríndia, segundo os indicadores, era considerado um país de primeiro mundo e Porto Salomão, uma cidade rica. Já havia sediado duas copas do mundo de futebol (e ganhado as duas) e se preparava para sediar a primeira olimpíada.

Situa-se geograficamente entre o gigante abastado, ao norte, e o emblemático, ao sul. Assim, metaforicamente, o país era alcunhado como o irmão que queria ser rico igual à nação do norte, mas ainda não conseguira, já que a fortuna pátria não se traduzia em melhorias para as classes menos favorecidas, ficando mais parecida como o país sulino.

Em termos políticos, mesmo sendo um estado democrático de direito, era governado por presidentes de um mesmo partido que permaneciam no poder há 26 anos. O presidente detinha 80% de aprovação pela população, não obstante a fraca oposição alegar a manipulação de tais índices.